

CORRUPÇÃO E IMPUNIDADE

Escândalos tomam conta do país de Norte a Sul, enchem páginas de jornais e mancham reputações até então imaculadas

Fernanda Melazo e
Sylvio Costa
Da equipe do Correio

Nos últimos meses, foi um atrás do outro. Ora a CPI dos Títulos Públicos, tirando de baixo do tapete falcaturas envolvendo bilionárias e complexas operações, normalmente ignoradas pela maioria das pessoas. Ora o impacto provocado pelas brutais cenas protagonizadas por policiais militares. No Brasil, os escândalos que garantem a agitada rotina dos mancheteiros de plantão desenharam uma curiosa geografia.

Dela não escapam nem a Praça dos Três Poderes nem o distante Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da Paraíba. Ela inclui desde a periferia paulistana até a principal avenida comercial de Brasília.

Sobra lama tanto para o processo de aprovação da emenda constitucional, que permitirá ao presidente Fernando Henrique Cardoso disputar um novo mandato, quanto para administrações petistas que até então desfrutavam de boa imagem pública.

Seus respingos atingiram os três principais candidatos a presidente. O tucano FHC, por não ter demonstrado a menor disposição de investigar a denúncia de compra de votos de deputados na votação da reeleição. O ex-presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, por não ter oferecido explicações convincentes para os estranhos contratos firmados, sem licitação, entre prefeituras controladas pelo partido e uma empresa de consultoria que seria ligada ao seu amigo Roberto Teixeira. Paulo Maluf (PPB), por conta do seu envolvimento no escândalo dos precatórios.

“SOMOS UMA SOCIEDADE DISTORCIDA, DE UM LADO, POR UMA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA EM SI MESMA ESCANDALOSA E, DE OUTRO, PELA BUSCA DO SUCESSO A QUALQUER PREÇO”

Alfredo Laufer, coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) no Rio de Janeiro

Ao contrário do que muitos imaginam, no entanto, a corrupção não se dá exclusivamente no plano político. Adolescentes que brincam de queimar índio na W3. Juízes que usam o dinheiro público para bancar incontáveis viagens ou até mesmo o caixão do pai. Cartolas e burocratas que transformam o futebol em uma espécie de monumento à politicagem. Quem dirá que a devassidão de valores — que está na origem do termo corrupção — não está aí, a ligar todos esses fatos recentes? Resta saber por que tantos escândalos e para onde eles nos levarão.

SUCESSO DEFINE TUDO

O cientista político carioca Sérgio Abranches é otimista. “Acho ótimo que esses casos sejam noticiados. Na ditadura existia como que um pacto, onde ninguém denunciava ninguém. Hoje há uma disposição que não permite mais a cumplicidade de todos. A informação circula com mais facilidade, e até o Parlamento, quando institui mecanismos de investigação como a CPI, reflete essa grande mudança em relação ao que ocorria no passado”, analisa ele.

Alfredo Laufer, coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) no Rio de Janeiro, vê de forma menos romântica a atual safra de escândalos. “Somos uma sociedade distorcida, de um lado, por uma distribuição de renda em si mesma escandalosa e, de outro, pela busca individual do sucesso a qualquer preço”, entende o empresário.

De acordo com a sua lógica, a violência policial filmada em Diadema ou no conjunto habitacional Jutá, em São Paulo, seria parte do enredo onde se misturam sem-teto excluídos do processo de desenvolvimen-

to econômico e policiais despreparados e mal pagos. A festa com as verbas públicas, patrocinada por políticos ou juízes, seria o reflexo da obsessão pelo sucesso.

“O sucesso define tudo”, afirma Laufer, “e a sua maior expressão é a conta bancária. Quem tem saldo baixo no banco é um fracassado. Não importa a maneira pela qual a pessoa vai aumentar a sua conta bancária, desde que, no final, tenha mais dinheiro na conta corrente”, diz.

Ronivon Santiago, o ex-deputado federal que renunciou ao mandato depois de terem sido reveladas gravações nas quais confessava ter vendido o seu voto em favor da reeleição, talvez defina esse estado de espírito com maior riqueza vocabular. “Não sou leso”, diz ele em uma das fitas. “Eu me protejo.”

LAB, DOCE LAB

Não falta quem associe as altas taxas de produtividade da indústria nacional de escândalos a causas estruturais. Para o advogado Raymundo Faoro, autor de *Os donos do poder*, um dos principais clássicos da literatura política brasileira, essas causas têm tudo a ver com duas características fundamentais, que ele distingue no comportamento das elites políticas e econômicas do País, quando comparadas às de nações capitalistas mais avançadas.

A primeira é a tendência de se asenhorar do Estado e fazer dele quase uma extensão do lar. Daí o nepotismo, a política de troca de favores ou a deslavada rouba-lheira. A outra é a vocação para a violenta exclusão social. Desde os tempos da casa grande e da senzala, incluídos e marginais vivem mundos e realidades completamente diferentes.

Daí talvez a aparente inocente confissão de crime dos adolescentes que mataram o índio Galdino Jesus dos Santos. “A gente pensava que era um mendigo”, tentaram se justificar.

Interessado nos aspectos econômicos da corrupção, o professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Marcos Fernandes Gonçalves da Silva, suspeita que o Brasil esteja entre os países mais corruptos do mundo.

Ele estima que “no Brasil se desperdiça entre 5% e 10% do Produto Interno Bruto (PIB) — algo entre US\$ 30 bilhões e US\$ 60 bilhões — por ano em razão das tradicionais comissões *por fora*, das inevitáveis caixinhas eleitorais ou de artimanhas semelhantes”. E relaciona tudo isso com uma herança ibérica que levaria brasileiros a privilegiar a busca de rendas fáceis em detrimento das atividades produtivas.

SE HOVER AMANHÃ

Estranho é que foi justamente São Paulo, capital do chamado Brasil moderno, o cenário mais freqüente dos escândalos que pipocaram neste ano. Na violência da polícia, nas estranhas conversas entre os cartolas do Corinthians e da Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol (Conaf), nas denúncias contra o PT e no rumoroso caso dos precatórios, um país nada avançado deu o ar de sua graça no mais rico estado da federação.

Para Sérgio Abranches, nenhuma surpresa: “A idéia da troca de favores está muito impregnada em São Paulo. Foi lá que nasceram as frases “é dando que se recebe”, do ex-deputado Roberto Cardoso Alves, e “rouba mas faz”, em homenagem ao ex-governador Adhemar de Barros”.

Não há unanimidade quanto às perspectivas da até aqui dinâmica indústria de corrupção tropical. De

REELEIÇÃO

Em 13 de maio, pipoca outro escândalo, agora nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*. Dessa vez, foi o deputado Ronivon Santiago (AC) quem revelou que ele e outros quatro parlamentares receberam R\$ 200 mil, cada um, para votarem a favor da emenda que permitirá a FHC concorrer à reeleição.

PATAXÓ

Na madrugada de 20 de abril, cinco rapazes de classe média se divertem botando fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, que dormia na W3 Sul. Produzem-se interessantes artigos na tentativa de explicar o barbarismo dos garotos, todos inúteis para Galdino, que morreu pouco depois de ser queimado.

DIADEMA

Na madrugada de 7 de março, uma equipe da PM, flagrada um cinegrafista, produz, em Diadema (SP), cenas que chocaram o País ao deter arbitrariamente, ameaçar e torturar três trabalhadores, dos quais terminou sendo morto por um tiro disparado pelo soldado Otávio Gandra, o Rambo.

PT

Paulo de Tarso Venceslau, ex-secretário de Finanças dos municípios de Campinas e São José dos Campos, denuncia ao *Jornal da Tarde* esquema de corrupção destinado a beneficiar a empresa CPDM, que seria ligada a Roberto Teixeira, compadre, amigo e um dos principais financiadores de Lula.

ARBITRAGEM

Gravações divulgadas em 6 de maio pela Rede Globo mostraram que o presidente da Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol (Conaf), Ivens Mendes, cobrava propinas de cartolas — com os quais discutia até escalção de juízes — para fazer caixa para sua campanha a deputado federal por Minas Gerais.

AMAZONINO

Em 27 de maio, o *Correio Braziliense* e o *Globo* publicam gravações que comprometem o governador do Amazonas, Amazonino Mendes. Ele é acusado pelo ex-sócio Fernando Bonfim de ser o verdadeiro dono da empreiteira Econcel, beneficiada em mais de R\$ 19 milhões em obras contratadas sem licitação.

JUIZES

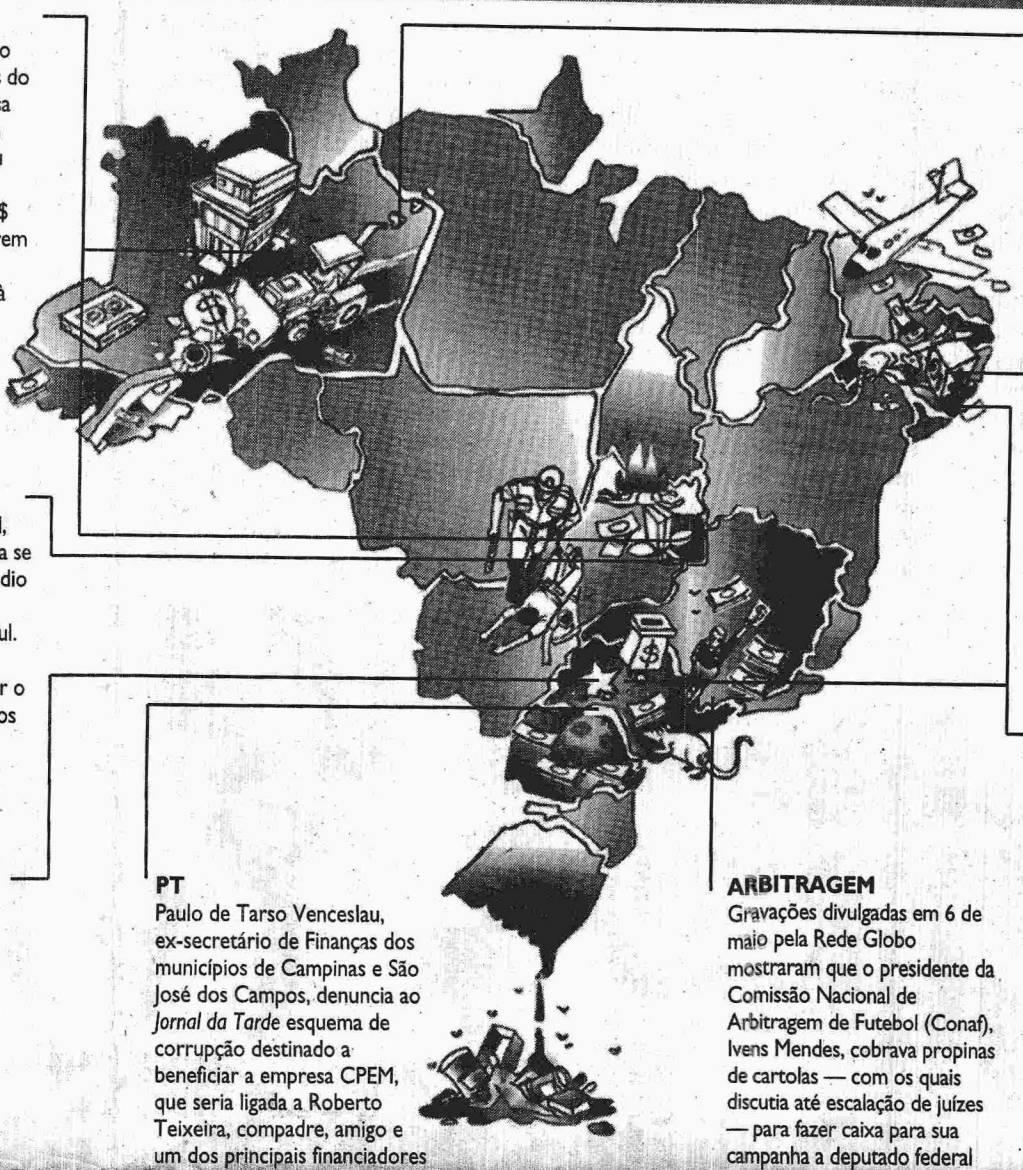
Auditoria divulgada no último dia 28 conclui que o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da Paraíba, cujos juízes só julgam causas no próprio estado, gastou em 1995 mais de R\$ 1 milhão com viagens, além de pagar despesas que iam desde absorventes femininos até o pagamento do funeral do pai de um juiz.

PRECATÓRIOS

A CPI dos Títulos Públicos, instalada em novembro, começou o ano oferecendo doses cavalares e crescentes de demonstrações de mau uso do dinheiro público, dadas pelos governadores e prefeitos que desviaram recursos que deveriam ser usados exclusivamente para pagar dívidas judiciais.

OS ESCÂNDALOS

DE NORTE A SUL



OS ATINGIDOS

Wanderlei Pozzembom



Fernando Henrique Cardoso

Alvo indireto da denúncia que colocou sob suspeita a votação da emenda da reeleição, também é atingido pela acusação contra o seu ministro mais próximo, Sérgio Motta, das Comunicações, que foi envolvido nas fraudes por João Maia, um dos deputados que confirmaram a compra de votos.

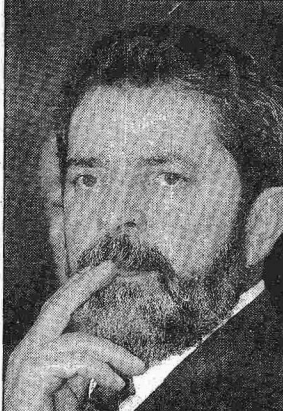
Glaucio Dettmar



Miguel Arraes

Em operações sob o comando do seu secretário da Fazenda, neto e herdeiro político, Eduardo Campos, o governador pernambucano (PSB) usou, primeiro, falsas dívidas judiciais para emitir títulos. Depois, ofereceu generosos descontos e comissões a instituições envolvidas com a máfia dos precatórios.

Raimundo Paccó



Lula

O ex-candidato a presidente e ex-sindicalista afastou-se do cargo de presidente de honra do PT para responder à sindicância aberta pelo partido. Mas terá trabalho para explicar por que a CPDM é a beneficiária de vários contratos milionários firmados sem licitação por prefeituras petistas.

Carlos Eduardo



Divaldo Suruagy

Lançando mão de uma engenharia financeira de figurino semelhante ao seguido por outros estados, o governador alagoano (PMDB), que não paga os salários dos funcionários públicos há oito meses, usou títulos emitidos fraudulentamente para quitar dívidas com empreiteiras e usineiros.

Marcos Fernandes



Paulo Maluf

A CPI dos Títulos Públicos constatou que o ex-prefeito de São Paulo e o seu secretário de Finanças e sucessor, Celso Pitta (ambos do PPB), não só desviaram o dinheiro dos precatórios como permitiram que seus assessores fraudassem títulos emitidos por vários outros estados e municípios.

Issac Amorim



Amazonino Mendes

O governador do Amazonas (PFL) já havia sido chamuscado pelo escândalo da reeleição — por ter sido acusado de ser o intermediário entre o ministro Sérgio Motta e os deputados que venderam os votos — quando Fernando Bonfim vinculou o seu nome ao da sortuda empreiteira Econcel.

Glaucio Dettmar



Jaime Lerner

O governador paranaense, ainda filiado ao PDT, parecia uma estrela em ascensão quando a CPI dos Títulos Públicos descobriu que o banco oficial do Paraná foi um dos principais escaudouros dos papéis negociados irregularmente pelos administradores envolvidos no escândalo dos precatórios.

Paulo Lacerda



Orleir Cameli

Segundo João Maia e Ronivon Santiago, o governador do Acre (atualmente sem partido) também participou ativamente do escândalo da compra de votos. De quebra, é acusado de ajudar o amigo Amazonino por meio de contratos assinados entre o seu governo e a empresa Econcel.

Eraldo Peres



Mário Covas

Criticado por manter a cúpula policial do estado apesar da violência demonstrada pela polícia em Diadema, o governador paulista, do PSDB, ainda defendeu a ação dos policiais que mataram, no dia 19, três pessoas em conflito ocorrido durante desocupação de conjunto habitacional em São Paulo.

Luis Tajés



Paulo Afonso de Souza

Está seriamente ameaçado de perder o mandato por ter feito o mesmo que fizeram Arraes e Suruagy e por ter uma frágil base política na Assembleia Legislativa, a quem cabe votar a sua cassação. No seu governo, só 0,3% do dinheiro dos precatórios foi usado para pagar débitos judiciais.

novo, Abranches revela um pensamento mais otimista que o de outros analistas: “Não acho — insiste o cientista político — que a corrupção esteja aumentando, mas sim a exposição dela”.

Ele acredita que a prática política do passado, essa da fisiologia e da troca de favores, está em decadência. A própria competição na política e vigilância da imprensa hoje concorrem para uma mudança na tradição política,

em sua opinião. “A exposição é só o começo do processo para o fim da corrupção”, diz Sérgio Abranches.

“Em maior ou menor grau, sempre vai haver corrupção”, discorda o líder do bloco de esquerda no Senado, José Eduardo Dutra (PT-SE). “O problema maior é a impunidade. Todas as investigações feitas até agora não tiveram como resultado a punição dos corruptos. Os corruptores nunca foram investigados nem julgados, reclama ele.”

“O meu medo é que essa sucessão de denúncias faça com que a sociedade perca a capacidade de indignação e com isso se afaste da política e dos políticos, banalizando e generalizando os escândalos”, teme o senador.

Alfredo Laufer diz que tudo dependerá dos desdobramentos das denúncias. “Claro que nem todos são corruptos. O que diferenciar alguns de outros, mantendo o interesse da população seja pela política ou por cau-

sas coletivas, será a capacidade de cada um demonstrar para investigar as denúncias”, acredita o empresário.

Na sua opinião, porém, nenhuma mudança realmente expressiva acontecerá se não envolver o conjunto da sociedade. “É preciso repensar as prioridades. Em vez da caça ao sucesso, também devemos levar em conta coisas como a necessidade de sermos mais sensíveis ou mais preocupados com a melhora do nível de vida dos outros.”